

De volta ao abismo?

WALTER FONTOURA

Um urubu pousou na nossa sorte? Estaremos voltando para a beira do abismo? O déficit comercial de um bilhão de dólares registrado na balança comercial em fevereiro aumenta a velocidade de sistoles e diástoles. A leitura dos jornais, a leitura apressada e sem análises, o pontificar suspiçaz dos "especialistas" da televisão, sugere sombras e nuvens. Efeito tequila, eu sou você amanhã, economia globalizada, dança desenfreada dos índices do mercado de valores. As bolsas são um capítulo à parte; ao menos, merecem um capítulo só delas.

Em condições normais, os índices das bolsas deveriam refletir o grau de confiança na economia do país. Se se negocia muito, supõe-se que a economia vai bem, há confiança e expectativa favorável no futuro. Se se vende muito, e os índices portanto caem, é de presumir que as coisas não vão bem, há desconfiança e temor. E nós todos, os brasileiros, que já vivemos com medo de trombadinhas e trombadões, seqüestros e balas perdidas, passamos a preocupar-nos angustiadamente com o comportamento

da Bolsa de Valores. E, o que é pior, sem ter às vezes sequer uma única e pobre ação de qualquer empresa.

Misterioso fenômeno disseminou a crença de que as bolsas de valores são importantes para a população em geral: há emissoras de rádio que anunciam diariamente o índice **nikkei**, o índice da Bolsa de Tóquio. E de perguntar quantas pessoas sabem o que é o índice **nikkei**. Quem tem de fato interesse nele — isto é, quem investe em Tóquio, ou quem investe em algum lugar — tem com certeza um computador que lhe dá a informação em tempo real, de preferência via AGENCIA O GLOBO.

Tivemos em fevereiro um déficit de um bilhão de dólares porque importamos quatro bilhões e só exportamos três. Mas os quatro bilhões importados não foram só de supérfluos ou quilquilharias. Não precisávamos ter importado tantos automóveis, talvez, mas a verdade é que grande parcela dos quatro bilhões refere-se a matérias-primas e equipamentos. Importações, portanto, necessárias e benéficas ao país, à produção de bens e riqueza. E sem dúvida desagradável que tenhamos déficits, mas não é tão grave quanto parece. Há tempo e meios para corrigir rumos.

O mais são moinhos de vento. Nosso presidente, Fernando Henrique Cardoso, tem cumprido o que prometeu na campanha, ao prometer governar sem sustos, choques, pacotes. O Congresso, que é parte do Governo como lembra o deputado Delfim Netto, não parece sentir-se comprometido com o programa de reformas do presidente. Dir-se-á que foi o Plano Real, e não programa da campanha, que levou 35 milhões de brasileiros a votarem em Fernando Henrique Cardoso. O argumento tem lá o seu peso, mas Fernando Henrique também disse e repetiu, à exaustão, que o Real só se sustentaria com as reformas, no seu entender indispensáveis à governabilidade e à meta de estabilizar a economia. Há dificuldades, e de toda ordem, para a aprovação dos vários projetos de reforma. Mas não há razão para acreditar que estejamos novamente à beira do abismo.

Talvez o Governo, nestes seus quase 90 dias de experiência, esteja dando sem querer a falsa impressão de que não é Governo, não na acepção daquele coronel nordestino ("prende, paga, nomeia e demite"). Mas pode começar.

Walter Fontoura é diretor da sucursal do GLOBO em São Paulo.

26 MAR 1995

A GLOBO